



DURANTE A GRÉVE: O povo assaltando um carro eléctrico—(Cliché Benoliel)

N.º 311 Lisboa, 5 de Fevereiro de 1912

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno, 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE JOUBERT CHAYES

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão: RUA DO SECULO, 43



## Na vida moderna

EM QUE TODOS NECESSITAM DE DISPENDER TANTA ACTIVIDADE E ENERGIA, E EM QUE, POR CONSEQUENCIA O «SURMENAGE» É, PÔDE DIZER-SE, QUASI GERAL, DEVE EMPREGAR-SE, PARA LUTAR COMBATER OS TERRIVEIS EFEITOS, O MELHOR DE TODOS OS RECONSTITUINTES ATÉ HOJE CONHECIDOS, A

# SOMATOSE LIQUIDA



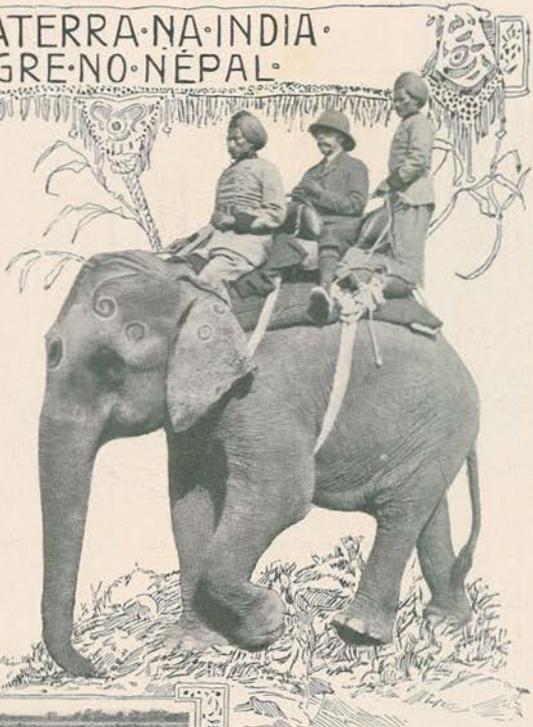
A VENDA NAS PRINCIPAES PHARMACIAS E DROGARIAS

# O REI DE INGLATERRA NA INDIA. A CAÇADA AO TIGRE NO NÉPAL.

Uma das magnificencias das festas da coroação de Jorge V, na India, foi a caçada ao tigre no Népal, uma serie de episodios encantadores para a vista e sensacionais pelos riscos corridos nas imprevisadas saídas das feras no meio das selvas que a comitiva real atravessou no dorso dos corpulentos elefantes.

Emquanto o rei atravessava assim os matagatos com aquele rumor de caçadores, armas e tropel de animais, a rainha Mary, receosa das fadigas da expedição, ficava em Rajputana a percorrer as casas e os templos. O sequito do rei tinha toda a cor d'uma evocação; sem aqueles graves inglezes, com os seus trajos de kaki e os seus capacetes de cortiça, as scenas poderiam ter o ar de uma aventura d'outros seculos em que passassem rajahs lendarios com os seus arsenaes de guerra, as buzinas, os servos sobre os elefantes bem defendidos atravessando os rios e as florestas em perseguição do tigre real feroz e listrado.

Foi o maharajahd, do Népal, Chandra



2—A comitiva imperial a caminho do «rendez-vous» de caça

1—Jorge V, imperador das Indias, vai caçar o tigre e o rinocerante nas matas do maharajahd do Népal

pecial igual aos europeus com os seus ajudantes, com o seu sequito até Bankipara e depois n'um automovel por um caminho traçado no meio da floresta. Já andavam no campo os elefantes

Shanesbea Jang quem recebeu o regio hospede n'uma barra insigne. Ha pouco ainda sucedera no poder ao seu pae o velho rajah poderoso e quiz mostrar ao imperador com quanta graça, opulencia e gentileza sabia seguir os exemplos dos antigos grãos senhores da India, cujas prodigalidades e esplendores andam nas cronicas e teem um sabor maravilhosos de lendas.

Dois vastos acampamentos se fizeram na selva a distancia de dez kilometros um do outro. Um era em Sukimar, perto d'um braço do rio Rapti, o outro em Kasva. Era ai que começava a magia.

Até lá Jorge V fôra n'um comboio es-



3—Jorge V atrando sobre um rinocerante



pulentos se instalava a tenda real feita propositadamente para Jorge V e da qual ele devia caçar as feras.

Aos olhos do indigena o tigre e o rinoceronte são a unica caça real e foi essa que eles souberam descobrir nas selvas.

Durante mezes e mezes os deixaram em paz nos seus fojos. Ninguém foi

1—Os quatro tigres da primeira manhã de caça  
2—A condução de um tigre às costas de um elefante

adestrados; os batedores estavam a postos. As caçadas iam começar com todo o esplendor que um nababo poderia usar ao receber um hospede imperial.

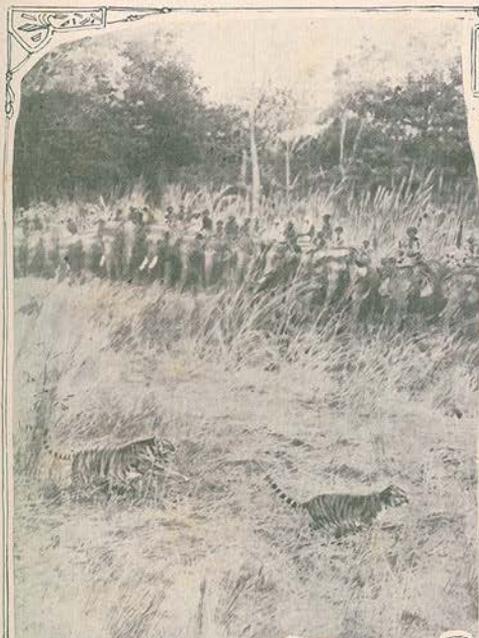
Tempos antes um verdadeiro exercito de batedores percorrerá as regiões, a fim de fazer o cerco á caça perigosa.

Os indios com os seus turbantes alvos passaram no dorso dos pequenos elefantes para além dos rios enquanto sobre outros mais cor-



3—O almoço depois da caçada  
4—Jorge V agradece ao maharajahd do Népal as caçadas que lhe ofereceu

perturbar a sua vida nem mexer nos seus caminhos. As crias estiveram em segurança e os ho-



1—Um instanteo sensacional. Dois tigres, levantados pelos batedores, passando à vista dos caçadores

que eram ao mesmo tempo átores e espetadores.

O imperador das Indias no fim da caçada devia sentir-se satisfeito por tanta magnificencia e tambem pelos resultados que pessoalmente obtivera.

Durante dez dias Jorge V esteve no Népal hospede do maharajahd que sem duvida marcou no livro da sua nobreza a honra que o poderoso soberano lhe concedeu.

Não presenteou com as pedras preciosas da tradição esse hospede imperial, senhor d'um dos mais belos diamantes do mundo, até n'isso é mais rico que o fabuloso principe indiano, mas em compensação poude ler no seu olhar a satisfação deante do quadro das feras abatidas na caçada que lhe ofertára.

mens não perturbaram a vida do sertão.

Por isso quando se principiou a batida as peças de caça afluiram e o rei não teve que se aborrecer em largas e atentas esperas nem os batedores que fazer trabalhosas caminhadas.

Logo pela manhã, á luz dourada do sol, os elefantes largaram para o matalgal colocados em linhas unidas e indo de pontos diversos a fecharem o cerco em volta dos fojos onde as feras se acoutavam. Eram grandes momentos aqueles em que o homem da civilisação se ia encontrar com a fera.

Ninguem poderia disparar antes que o imperador da Índia o tivesse feito. Então logo que ele abateu a primeira peça de caça outras se seguiram abundantes e que lutavam antes de cair.

Levou-se n'isto um largo tempo. A selva foi atroada por tiros de magnificas carabinas.

O quadro antigo d'um rajah dentro da sua tenda atirando a sua flecha ao tigre real, cercado pelos vassalos, batendo-se quasi corpo a corpo apagou-se um pouco com esse tirotoio. O espetáculo do passado todavia evocou-se. Aquellas figuras de panos de rás passaram na batida aos olhos dos europeus



2—Um tigre saindo ao encontro do rei



1—Atravez dos matagões do Népal

Em 28 de dezembro a comitiva régia foi juntar-se á da rainha Mary, em Bankipare, seguindo depois os soberanos ingleses, em caminho de ferro, para Calcutá onde os receberam com as festas esplendorosas que por toda a parte da Índia por onde passaram as acolheram, ressuscitando-se com as pompas a tradição.



Trinta e nove tigres, dezasete rinocerontes e quatro ursos. Jorge V abatera vinte e quatro tigres e um urso, sendo dos seus mais belos tiros os que disparou a sua arma de dois canos, matando successivamente um tigre e um urso.

A ultima festa foi um *lunch* em pleno campo, servido com a mesma magnificencia que a tudo presidiu e no qual o rei d'Inglaterra elevou a taça em honra do seu hospedeiro, o principe de Népal.



2—O elefante real na caçada 3—A' espera de um tigre

# Figuras e Factos



Visita do chefe do estado ao museu arqueologico:  
O sr. dr. Manuel d'Arriaga  
com o diretor do museu, dr. Leite  
de Vasconcelos

**Museu arqueologico.**—O Museu arqueologico de Belem em que superintende o sr. dr. Leite de Vasconcelos é uma instalação modelar tendo o seu ilustre diretor trabalhado sempre ativamente em enriquecer as soberbas coleções d'aquelle museu presidindo a excavações na provincia, visitando as ruínas que se descobrem com um grande e sabio criterio.

O chefe de Estado visitou o museu em 23 de janeiro.



O caçador de elefantes com a sua comitiva

**Um notavel caçador d'elefantes.**—O sr. Carlos Larsen, dinamarquez, é realmente um caçador profissional. Tem 40 anos e ha 17 que faz essa vida, a perigosa e difficil tarefa na Africa Oriental e Occidental tendo durante cinco anos caçado só para os museus de Inglaterra.

Como se comprehende o sr. Larsen tem corrido grandes perigos nas suas aventurosas travessias sendo o ultimo o de o ter abandonado toda a sua comitiva passando verdadeiras inclemencias nas selvas.

## Dr. Azevedo d'Albuquerque.

—Faleceu este vulto eminente do partido republicano que era uma das mais prestigiosas figuras da democracia e cuja idade avançada, 80 anos, o afastara dos cargos a que tinha direito no novo regimen.

Em 31 de janeiro, quando da revolução, o seu nome foi indicado para fazer parte da Junta Revolucionaria a que presidia outro denodado combatente, Alves da Veiga, hoje ministro de Portugal em Bruxelas.

O seu funeral constituiu uma grande manifestação de pesar e n'ele se incorporaram todas as agremiações democraticas do Porto.



Dr. Azevedo de Albuquerque  
eminente republicano  
falecido em 21 de Janeiro



1—Visita do ministro da marinha ao presidio da Trafaria.

2—O ministro no interior do presidio (Clicês de Benoliel)



1—As mulheres republicanas que entregaram a mensagem  
2—O dr. Alexandre Braga á saída do parlamento

**As mulheres republicanas.**—A Liga Republicana Femenina, entregou em 25 de janeiro ao sr. dr. Alexandre Braga uma mensagem em que lhe agradecia o seu projeto de lei relativo aos Direitos da Mulher e que foi ha dias apresentado ao parlamento onde dentro em pouco será discutido.



Jean Finot na Sociedade de Geografia com os srs. Ernesto de Vasconcelos, consuli, José Joaquim Machado, Magalhães Lima e Abel Neteiro

**A cura da diabetes.**—Esteve em Lisboa o illustre medico italiano dr. Guelpa que realiso em 22 de janeiro na Sociedade das Sciencias Medicas uma conferencia sobre a cura da diabetes e que foi muito apreciada no mundo científico.

Ao ato assistiram, além do sr. presidente do conselho e ministro d'Italia grande numero de clinicos que atentamente seguiram a preleção do seu illustre colega.



Dr. Guelpa



O enviado do príncipe de Monaco que veio a Lisboa participar o reconhecimento da Republica

**O enviado do príncipe de Monaco.**—No palacio de Belem foi recebido pelo chefe do Estado, em 25 de janeiro, o sr. Christian Thams enviado como delegado do príncipe Alberto de Monaco para declarar ter sido feito o reconhecimento da Republica Portuguesa pelo principado. Acompanhou-o o consuli de Monaco em Lisboa, sr. conde de Bobone.

# O CONCURSO DA MOEDA DA REPUBLICA.



3—A moeda de 100 centavos com a legenda Luzo

6—Reverso da moeda de 100 centavos legenda Luzo



O concurso da nova moeda da Republica levantou uma questão entre os concorrentes e o juri.

O *Diario do Governo*, em 9 de setembro, annunciava que o concurso da moeda da Republica era pelo prazo de cinquenta dias.

Os concorrentes imaginaram poder entregar os seus trabalhos até 28 de outubro o que quasi todos fizeram.

Nasce d'aqui o conflito. Para o juri, composto pelos srs. Teixeira Lopes, Costa Mota e Veloso Salgado, aquele prazo terminava na vespera e d'ai o serem admitidos outros trabalhos



1—Exemplar da moeda de 50 centavos com a legenda 6 Rodas

2—Reverso da mesma medalha

3—O escudo com a mesma legenda

4—Reverso do escudo



7—Escudo com a legenda Liberdade

8—Reverso do Escudo com a legenda Liberdade

9—Moeda de 2 centavos Nome e Renome

10—O reverso dos 2 centavos



- 1—Cinco centavos com a legenda Ordem e Trabalho
- 2—Reverso dos cinco centavos
- 3—Dois centavos com a legenda Nome e Renome
- 4—O reverso da mesma moeda
- 5—Outro exemplar Ordem e Trabalho
- 6—O reverso da mesma moeda
- 7—10 centavos com a legenda Ordem e Trabalho
- 8—O reverso da mesma moeda
- 9—O escudo legenda Nome e Renome
- 10—Reverso do escudo com a legenda Nome e Renome



nas sob condição. Perdiam-se assim muitas probabilidades ficando quasi todas a favor do artista que entregara os seus projetos dentro do tempo estipulado conforme o juri o entendia e que é o sr. Simões d'Almeida, Sobrinho, autor d'outros trabalhos apreciáveis.

Com efeito foi o modelo por ele apresentado o que se determinou ficar para padrão da nova moeda, de 50 centavos aprovando tambem o juri dois outros trabalhos para a moeda de 2 centavos, servindo o verso e anverso dos respectivos projetos, o que os seus autores não aceitaram.

2

11—Moeda de dois centavos  
12—Reverso da mesma moeda  
(Clichés de Benollet)



13—Quatro centavos com a legenda Liberdade  
14—O reverso da mesma moeda

# A GRÈVE DO OPERARIADO DE LISBOA

A grève de Evora foi motivada por os lavradores se recusarem a pagar aos seus trabalhadores pelos preços até então em vigor. D'uma colisão entre os grévistas e a tropa



houve alguns feridos, tanto operarios como militares. Em vista d'isto foram decretadas, pelo governador civil do distrito, algumas medidas necessarias para a manutenção da ordem tendo vindo a Lisboa delegados dos grévistas, a fim de conferenciarem com o governo, visto ter sido encerrada pela autoridade a casa da sua associação.



- 1—Um carro electrico escoltado pela cavalaria na ponte d'Alcantara  
2—Em frente da calçada de Santo Amaro: A tropa guardando a Companhia dos electricos  
3—O povo assaltando um carro electrico em Santo Amaro

Tambem seguiu para Evora o deputado sr. Inocencio Camacho, a fim de analisar a situação, tendo participado ao ministerio que a grêve saíra de um incitamento, declarando os seus chefes aos aldeãos que podiam saquear. Os membros da associação eborense solici-tavam do governo,



para finalisarem a grêve, que fossem postos em liberdade os seus companheiros presos, aberta a sua associação, demitido o governador civil, do que apenas o ministerio pôde conceder a abertura da associação e a fiança, no poder judicial, dos operarios presos. Foi em vista da recusa a duas das suas imposições que se declarou a grêve geral. Lisboa concorreu para isso d'uma maneira mais



1—A porta da Associação Textil em Alcantara d'onde dizem ter sido arremçadas as bombas sobre os electricos  
2 e 3—Aspetos do policiamento da Rua de S. Joaquim em Alcantara pela Guarda Republicana



saliente, visto ser n'esta cidade a séde da Casa Sindical.

Na manhã de 29 de janeiro deixaram de circular os electricos e todos os meios de transporte, á excção do camiho de ferro, impedidos pelos grévistas; paralisou-se o

O povo assaltando um carro elettrico em Santo Amaro, a fim de impedir que seguisse a sua carreira para a Baixa



1—O povo na rua de S. Joaquim durante a greve  
2—Na rua d'Alcantara, o povo esperando os electricos no dia da greve



trabalho nas fabricas, nos ateliers, em varias oficinas; os jornaes não foram postos á venda e as ruas da cidade apresentavam um estranho e agitado aspecto. Sobre os electricos que tentavam circular arremecadas bombas, seguiram-se os tumultos por toda a parte e por isso, na tarde de 30, o governo deliberou entregar a capital ás autoridades militares, sendo decretada a suspensão de garantias e pedindo-se aos cidadãos para estarem em suas casas ao toque de recolher.

As tropas occuparam os sitios habitualmente mais frequentados, destacamentos patrulharam as ruas e



3—Patrulhamento da rua de S. Joaquim em Alcantara

pela madrugada de 31, algumas forças de infantaria, com uma bateria de artilharia, cercaram a Casa Sindical, na rua do Seculo, intimando a render-se toda a gente que ali se encontrava, o que sem a menor resistência se fez.



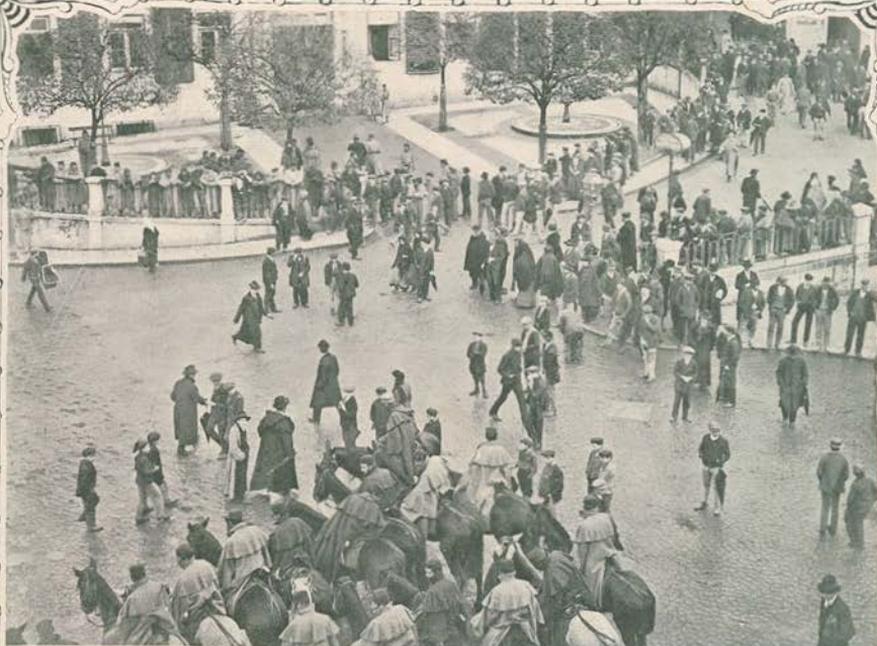
O povo assaltando um carro elétrico na rua de S. Joaquim em Alcantara



Para bordo dos navios *D. Fernando*, *Pero d' Alemquer* e *5 d' Outubro*, foram conduzidas perto de setecentas pessoas apanhadas nas rusgas, na casa sindicalista, sendo tambem algumas presas nos seus domicilios, como

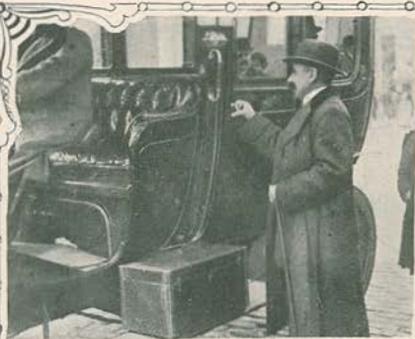


- 1—A Casa Sindical, sede das associações operarias promotoras da greve
- 2—O min'stro da guerra dirigindo-se ao quartel general
- 3—Uma leva de presos



1—O quartel general, onde se realizou o conselho de ministros.  
 2—A caminho pela cavalaria guardado pela cavalaria  
 3—O Rocio na tarde do dia 30

o ex-ministro dos estrangeiros do ultimo governo monarchico, sr. José d'Azevedo Castelo Branco, que, por doença, foi transferido do 5 d'Outubro para a Penitenciaría.



1—O sr. capitão Camara Pestana comandante da policia 2—A guarda fiscal guardando as escadinhas do Duque. 3 e 4—A plataforma superior da estação do Rocio guardada pela força militar



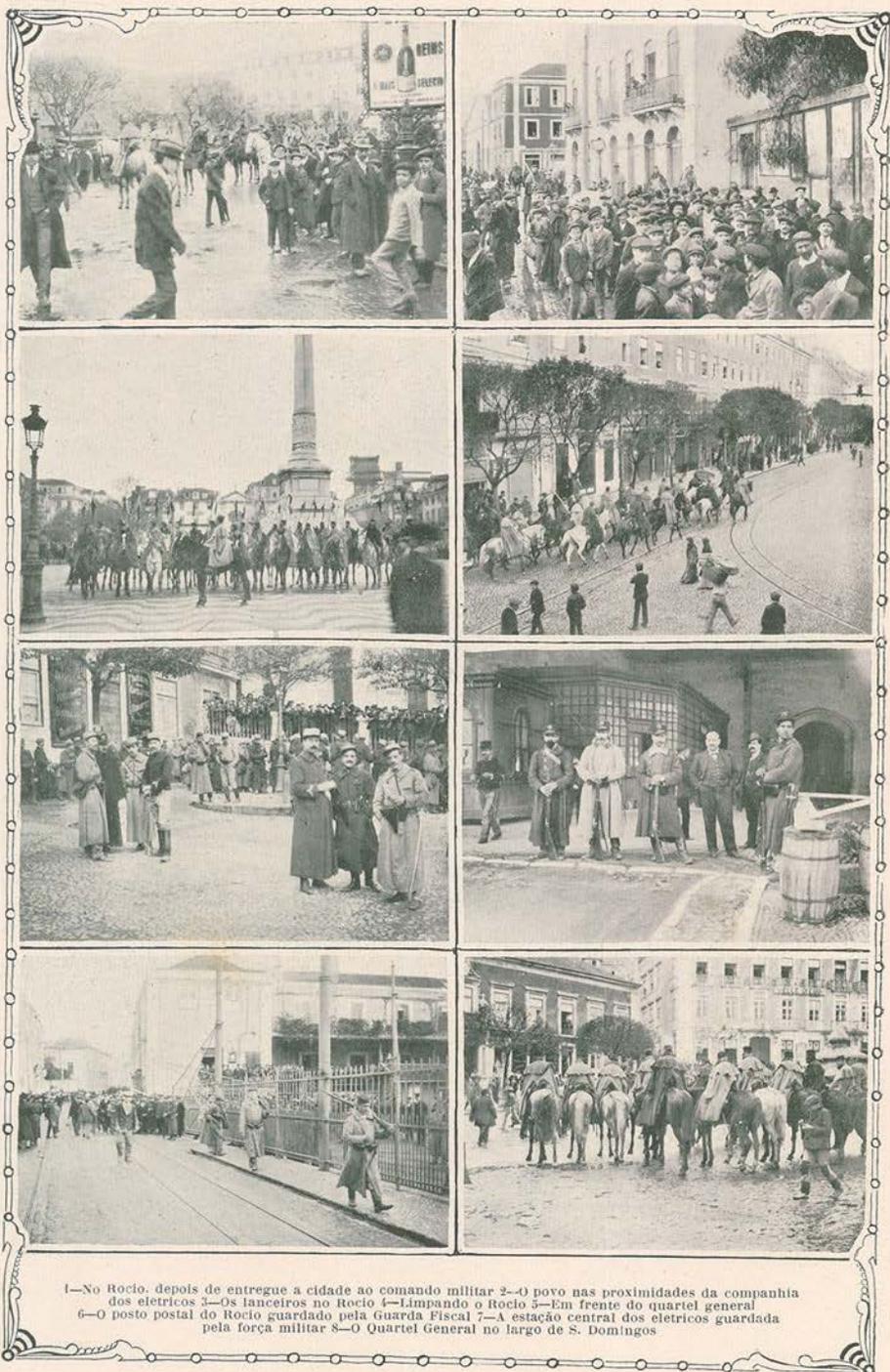
1—Um aspeto do Rocío no dia 30. 2—O placard da sede sindicalista. 3—Uma prisão  
4—A estação do Rocío guardada pela cavalaria



1 e 2—Aspetos do Rocio



1—Os marinheiros guardando os correios e ministerios 2—O povo no largo do Calvario  
3—A cavalaria em frente do teatro Nacional



1—No Rocio, depois de entregue a cidade ao comando militar 2—O povo nas proximidades da companhia dos electricos 3—Os lanceiros no Rocio 4—Impando o Rocio 5—Em frente do quartel general 6—O posto postal do Rocio guardado pela Guarda Fiscal 7—A estação central dos electricos guardada pela força militar 8—O Quartel General no largo de S. Domingos



1—A tarde do dia 30 no Rocio 2—Um aspecto do Rocio depois de decretado o estado de sítio  
 3—Um aspecto da rua 4—O largo de Camões guardado pela cavalaria  
 (Clichés de Benoiel)

# Figuras e Factos



1—A sessão inaugural da Universidade Livre: A presidencia

2—A assistencia

A Universidade Livre surgiu em Lisboa mercê de um grupo de profess-res e inte'etuaes que, com bons esforços, larga iniciativa e um leal apoio, conseguiram dar tanto incremento a essa obra que dentro em pouco carecerá de sucursaes, de novas ramificações da sua séde.

O ano letivo foi inaugurado agora com uma sessão solene, no Coliseu de Lisboa, a que assistiu o Presidente da Republica, o qual teve para os organisadores da Universidade palavras elogiosas e merecidas pela sua propaganda educativa.



Grupo de creanças da Assistencia Local Infantil de Santa Izabel



O chefe do Estado entrando para a cerimonia (Clíchés de Benoitel)

1—A manifestação comemorativa do passamento de Henriques Nogueira 2—A direção do grupo Juventude Republicana Franca Borges

Ray, a conhecida artista de Londres.

Claro que esta opinião, como a outra formulada acerca de lady Hamilton, outra rara beleza, é unicamente inglesa, já porque a formosura não se pôde apreciar por um critério absoluto, já porque a Gabriela Ray, patrioticamente, todas as nações da Europa oporão as suas lindíssimas mulheres, a fim de concorrerem ao título que os ingleses deram á sua gentilíssima compatriota.

O sr. Solf é o novo ministro das colonias alemão e foi ha dias a Inglaterra. Imediatamente sobre essa viagem do antigo governador de Samoa, a imprensa britânica fez os mais descontraídos comentários, motivados, sobretudo, pelos artigos do *Post*, de Berlim, relativos ao que chamava a partilha das colonias portuguezas. Segundo o *Daily Mail* o sr. Solf teria ido a Londres não para tratar d'esse assunto, a que tantas oposições se fariam em nome do direito, mas de pedir á Inglaterra que fôsse medianeira, no caso de Portugal se querer desfazer d'algumas das suas possessões, para as vender á Alemanha á semelhança do que fizera já a Hespanha com as Marianas e Carolinas. Ainda assim o boato era infundado, pois Portugal não pensou jamais em se desfazer do seu dominio.



1—Miss Gabriela Ray, a celebre artista-inglesa considerada em Inglaterra como a mais bonita mulher do mundo

(Cliché Harringue)

2—O sr. Solf ministro das colonias alemãs, que foi a Londres, no que se disse, para tratar d'um accordo sobre colonias portuguezas

A Inglaterra, que possui o mais vasto dominio colonial do mundo, a mais poderosa esquadra, a maior riqueza, a mais religiosa tradição, que é o mais comercial dos paizes, não é, todavia, nem o mais literario, nem o mais artistico, nem o mais científico. Possuindo, porém, todas aquelas coisas, a Grã-Bretanha não quiz deixar de ter tambem a mais formosa mulher do mundo e assim intitulou Gabriela





A morte do almirante Candido dos Reis foi, durante muito tempo, um facto misterioso. Entrava quasi no dominio da lenda e em volta do cadaver d'esse chefe revolucionario faziam-se suposições e levantavam-se suspeitas. Uma vez era que a policia assassinára o almirante, outras que um ex-official de marinha fóra o autor do crime n'uma vingança pela luta contra a realza. A versão que mais custava a acreditar nas camadas populares era a do suicidio do organisador da revolução.

Foi a luz sobre o facto, dentro do criterio scientifico, que o sr. dr. Vitor Mendes, ao concluir este ano o curso na Eseola Medica de Lisboa, pretendeu fazer com a sua tese *A morte do almirante Candido dos Reis*, trabalho que, literariamente, tem um indiscutivel valor.



1—Dr. Vitor Mendes, autor da tese «A morte de Candido dos Reis».

2—O representante do principe de Monaco, Cristiano Thams, que veio especialmente a Lisboa comunicar o reconhecimento da Republica pelo principado

3—Friso bordado em ponto de Arra olos, medindo 3,™ 80x1,™ 40, por D. Maria Arantes sobre um desenho de Jorge Colaco (Clichés de Bonol et)

O principado de Monaco acaba de reconhecer a Republica Portuguesa, para o que enviou a Lisboa um representante do seu soberano que foi recebido pela primeira vez em 25 de janeiro, no palacio de Belem, pelo chefe do Estado.

Logo no dia seguinte o plenipotenciario, sr. Cristiano Thams, voltou á presidencia da Republica a declarar oficialmente o reconhecimento. O chefe do Estado, em resposta ao discurso do enviado do principe Alberto, respondeu ser-lhe muito grato receber o delegado oficial de sua alteza, sendo o desejo dos portugueses que os dois povos caminhem na melhor harmonia como até aqui.

A audiencia foi de curta duração e não teve a solenidade costumada para a receção de credencias em virtude de se tratar d'uma simples formalidade diplomatica.

Assistiram ao ato apenas o presidente da Republica com o secretario da presidencia e o seu secretario particular, o chefe do protocolo e o consul de Monaco.



# A COMPANHIA LIRICA DO COLISEU



Dante Forconi, diretor da companhia

«A sua carta, minha senhora, veio prestar-me ensejo de explicar ao grande publico,—por intermedio d'esta

não se estreiou a uma sexta-feira no Coliseu.

Depois, apesar de ela ser, re-fintamente italiana e, portanto, da



Maestro Domenico Hazan

acolhedora e tão lida *Illustração*,—o milagre, o quasi fenomeno sobrenatural da longa estada d'uma companhia de opereta em Lisboa.

Em primeiro lugar, deixe-me dizer-lhe que eu, de meu natural um pouco supersticioso, tenho a convicção de que esta companhia entrou com o pé direito em terras de Portugal e



1—Alda Rubino 2—Elvira Minoretti

terra dos *jetatori*, alguma coisa ha n'ela que lhe dá boa, ventura, de *mascotte*. Talvez a limpidez dos olhos das suas mulheres, o vago sonho de arte que, mesmo nas mais incultas, se evola do fundo recondito e saudoso das suas pupilas. E' possivel que encontre n'estas palavras uma poesia exaggerada; mas eu tenho pela mulher — e a mulher italiana possui, como poucas, a sedução do perfume e da côr.—um fetichismo doce que implica

um mixto de respeito e um mixto de audacia, como se, ao tocá-las, eu sentisse a crueza indomita de um selvagem a quem tivessem calçado um par de luvas.

A minha querida amiga que é uma mulher inteligente e arguta, como poucas, compreende, decerto, a subtileza sentimental do meu pensamento.

Não preciso, por isso, de expressar-lh'o com mais vigor, carregando-o de tintas fortes. De mais, o claro-es-

curo, quer se trate de pintura de imagens quer se trate de pinturas psicológicas, sempre agradaram ao meu espírito contemplativo.

Pois dizia-lhe eu, minha amiga e senhora, que isto de uma companhia de teatro se demorar entre nós mezes consecutivos tem o seu quê de prodígio que anda muito perto das regiões do misterio.

Tambem depende dos publicos. Uma noite de bom humor coletivo predispõe imediatamente para a recção amigavel e, muitas vezes, complacente.

Isto deve estar estudado n'esse admiravel manual das multidões que Le Bon escreveu com tanta clareza e com tão subtil conhecimento da

confiança instintiva que o publico depositava n'ele.

Noites ha em que parece terem-se juntado, n'uma mesma sala de teatro, os irreverentes, os mal intencionados ou os de temperamento nervoso e irrequieto. E' uma fatalidade, é um desastre inevitavel.

Com esta companhia *Città de Firenze* — até o nome evoca a linha escultural dos monumentos d'arte. — deram-se todas as condições que não dispensam o atribuir-se-lhe a perfilhação de uma

boa fada. Estou certo de que, no paiz do invisivel, elas se reuniram quando esta companhia se formou e lhe vaticinaram os destinos. Teria dito uma: — Ela terá as mulheres mais belas! E outra:



1—Lina Paulini Sartori

2—Blanca Bagnoli  
3—Margarida Visanni

alma humana.

Assim, por exemplo, uma tosse impertinente no meio de uma plateia atenta, destroe por completo a predisposição para o aplauso. Póde, no palco, operar-se um prodígio, póde o artista ser sublime: —perdeu metade do seu valor, a especie de



—As gargantas mais privilegiadas! E a terceira:

—E o repertorio mais vasto do que quantas se teem formado até hoje!

Se as fadas disse-ram isto, creia, minha inteligente amiga, que não erraram ao tocalle com a varinha magica do condão.

Quanto ás mulhe-

res — estou d'aqui a vê-la com os sete sentidos apurados — é capitulo em que eu escreveria, pelo menos, dois volumes. «Pois que, dirá a minha curiosa amiga, acaso as conhece tanto?» Não, não as conheço tanto nem tão pouco. Algumas mesmo não as conheço nada.

Eu, frequentador obrigado d'aqueles bastidores, tenho um singular feito de observador. Quando digo que não as conheço nada é, talvez, uma afirmativa audaciosa porque, sem elas o saberem, eu conheço-as todas por dentro e por fóra. Seria capaz de dizer, ponto por ponto, o que elas tem nas cabecinhas loucas, as aspirações, os sonhos, as desilusões sotridas; tudo o que elas pensam de bom e tudo o que elas pensam de mau, as que são espertas para a vida e as que são espertas para o amor. Ai, o amor em gente de teatro! já viu alguma vez, muito de perto, um pano de cenario? E' um borrão informe, pois não é? O amor, do

branco, que refila com toda a gente e tem a singularidade de andar sempre com uma pedra entre dentes. Mas a sr.<sup>a</sup> Bianca Ba-

ta desaparecer no ar. A moral também é outra, muito diferente da moral corrente nos usos da vida. Quantas creaturas excellentes perdem, ao pisar o tablado, o pudor do ambiente externo! Incapazes, cá fóra, de um gesto ou uma expressão mais mal cabidas, desfiguram-se, travestem-se dentro dos bastidores, como se aquilo fôsse um carnaval perpetuo e o seu rosto pintado uma mascara de papelão!

Ha, por exemplo, artistas muito estimaveis n'esta companhia. Refiro-me ao elemento feminino. Assim, a sr.<sup>a</sup> Bianca Bagnoli é uma pessoa suave, com falas ternas, cujo principal amor e cuidados maternaes vão para o seu *caniche* preto e



1—Nelly Catagnetta  
2—Concetta Villani



3—Egysia Villani  
4—Antonio Amato



pano de boca para dentro, é a mesma ficção, o mesmo artifício. E' uma canção que se canta, que se ouve com agrado mas dura o tempo da ultima no-

com o seu *petit minois* um pouco parado, com a expressão morta do seu sorriso, dá-me a impressão de uma *madona* que tivesse sido principiada pelo



expressim!—Dasr.  
Sartori tenho  
uma impressão  
tão fugidia que  
escapa um pou-  
co á minha ana-  
lise. Nunca a ou-  
vi falar, quer  
crér?—a não ser  
em cena ou em  
uma ou outra  
volta do palco  
para o camarim;  
e, no emtanto,  
pelo corte do seu  
labio grosso, pe-  
la dilatação das  
suas narinas, pe-  
lo arfar dos seios



1—Pietro de Ponti 2—Oreste  
Pecori 3—Agostino Visanni  
4—Pietro Francioni  
5—Umberto Bagnoli

genio inspirado de um  
Rafael mas cujos últi-  
mos toques obedeces-  
sem ao pincel de um  
pintor de taboletas.  
Temos, tambem, que-  
rida amiga, a sr.<sup>a</sup> Alda  
Rubino, escultura viva,  
inteligencia desperta,  
um pouco dada á aven-  
tura da vida, com uma  
filosofia especial para  
uso proprio. E' das  
poucas pessoas a quem  
eu falo porque é das  
poucas que me enten-  
dem. Já arranhou um  
pouco em varias artes  
—principalmente na  
arte de escrever. Tem  
a linha sinuosa e feli-  
ceira das estatuas gre-  
gas e ha, mesmo, um  
pouco de helenismo  
antigo no ondular da  
sua figura. A sr.<sup>a</sup> Lina  
Paulini Sartori—meu  
Deus, nunca senti tan-  
to a dificuldade em me



fechadas n'uma gaiola  
doirada! E, ainda, para  
completar o quadro, a  
sr.<sup>a</sup> Elvira Mino retti,  
com o ar *gavroche* e pe-  
tulantante de uma *soubret-  
te* do tempo de Luiz  
XIV e a excelente ca-  
raterística sr.<sup>a</sup> Concetta  
Villani.

Creio ter-lhe dado  
uma idéa, embora mal  
expressa, do que é es-  
ta companhia italiana  
que de Florença nos  
veiu e por cá nos tem  
enfeitado os olhos e  
o ouvido. Deixe o re-  
manso tranquilo e si-  
lencioso da sua quinta  
e faça-me a surpresa de  
vir verificar se eu es-  
traguei a pintura, por-  
que confesso a minha  
insuficiencia subjetiva  
no assunto.

J. S.

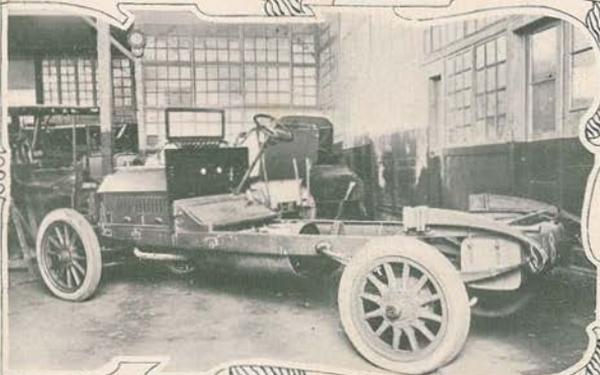


— não estão aqui  
tres signaes evi-  
dentes para um  
estudo?—eu pen-  
so que esta senho-  
ra guarda avaram-  
ente, no fundo  
dos seus olhos  
negros, um segredo  
que eu não  
pretendo desven-  
dar e que ela mes-  
ma nunca poderá  
descobrir. Como  
essas aves de plu-  
magem radiosa



# COMO SE FAZ A CARROSSERIE DE UM AUTOMOVEL

O automobilismo alcançou excepcional vulgarização em todos os países não construtores, como o nosso, esse desenvolvimento define-se pelo quantitativo da importação. Em Portugal são já de muitas centenas os carros automoveis e a sua importação não se tem feito com o exclusivismo de carros para *touristes*, vae até ao uso commercial e exploração de viação acelerada. Por este facto é que se tornava urgente baratear as des-



fronteiras. A construção da *carrosserie* em Portugal data de 1903, mas foi em 1905 que ella começou a desenvolver-se. Foi o agente de automoveis mr. Albert Beauvalet, ao tempo com a representação do *Peugeot*, quem lhe deu o maior impulso. Foi elle quem mandou construir a primeira *limousine*, que por sinal foi comprada pelo consul da Dinamarca. A construção d'essa *limousine* foi en-

pezas de importação e mesmo do material.

Nasceu d'aí a criação de casas construtoras de *carrosseries*. Creava-se uma industria nova, com largo futuro desde que a sua obra fôsse perfeita e pelo menos igual á que vinha do estrangeiro. Assim succedeu e a industria nacional progride. Hoje, em Lisboa, monta-se uma *carrosserie* confortavel, forte e artistica, melhor talvez que em muitas casas além-



1—A officina de serralharia  
2—O «Chassis», tal como é importado do estrangeiro  
3—Os operarios da casa Ferreira & Viegas



1—A oficina de pintura

regue ás oficinas de José Maria: A obra saiu cuidada, com artística configuração, com o exigido conforto e comodidade. Os operarios portugueses afirmaram-se capazes de beneficiar o automobilismo com um auxilio poderoso ao seu desenvolvimento e vulgarisação.

A casa Dionisio passou á gerencia e propriedade dos *sportsmen* srs. J. Ferreira e Carlos Viagas, que ao seu tato comercial aliavam o muito entusiasmo pelos novos processos de locomoção. A industria das *carrosseries*, bem nacionalizada, tomou então excepcional incremento. Hoje quasi todos os *chassis* importados teem as suas *carrosseries* montadas em Portugal e a obra nacional tem vantagens; é mais solida e tão bem acabada como a estrangeira. O operario portuguez, sem a preparação do operario estrangeiro, mas inteligente, produziu melhor, não se limitando á copia, indo até ao desenho original e á melhor disposição da *carrosserie*. Esta, nos carros de luxo, é modelar. Na *carrosserie* comercial, a dos *camions* para passageiros ou para transporte de carga, a superioridade da industria nacional fez-se sentir na maior solidez, mais resistencia de material e melhor acondicionamento no fabrico. Assim se explica que se mantenham prosperas as empresas de viação do norte do paiz, utilizando carros em estradas pessimas, mal arranjadas e sem conservação, com barrancos cheios de buracos, com ladeiras ingremes e curvas apertadissimas. Essa nova industria é tambem uma riqueza para o paiz; n'ela já trabalham uns quatrocentos operarios portugueses, tendendo o numero a aumentar, pois a maior parte dos compradores de automoveis importam do estrangeiro apenas o *chassis*, mandando aqui construir a *carrosserie*. O seu preço ainda difere pouco do estrangeiro porque o material para a sua construção é quasi todo importado. Diminue, porém, com o fabrico em Portugal a despeza alandegaria, revertendo essa diferença a favor do automobilismo. Exemplifiquemos. Um carro completo, com dois logares, paga cem mil réis de direitos e com mais logares cento e vinte mil réis. Os direitos para um *chassis* de qualquer tamanho ou força são

apenas de vinte mil réis.

As vantagens da construção da *carrosserie* em Portugal teem sido de tal forma apreciadas que a diferença de *chassis* e carros completos importados é enorme. A sua proporção é de um carro completo para quatro *chassis*. E estas

- 2—Armando um «Laudaulet»
- 3—Armando um «doble phaeton»
- 1—A armação de um «torpedo»
- 3—A armação de um «landaulet torpedó»





1—A capota

vantagens não se fazem só sentir nos chassis novos. As transformações nas *carrosseries* sucedem-se. Em todas as exposições de automoveis, que lá fóra se fazem com frequencia, apparecem sempre modelos de *carrosseries*

a tornaria muito mais cara e ainda muitas vezes com o perigo de não satisfazer os desejos do comprador.

A media por anno de *carrosseries* feitas em Portugal atinge já o numero de quarenta. J. V.



4—Os últimos retoques do estofador

5—A construção da capota de um «double phaeton»

(Clichés do sr. Arnaldo Garcez Rodrigues)

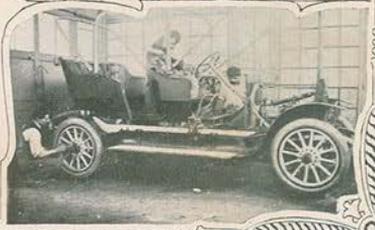


2—A officina de carpintaria

3—A officina dos accessorio

novas, com superioridade sobre as antigas, ou no espaço occupado ou no seu peso ou ainda no feitio que é mais elegante.

D'aí vem que um carro antigo pôde ser transformado n'um carro novo, com todas as exigencias do progresso, com toda a elegancia das modernas *carrosseries* sem haver a necessidade de fazer a encomenda no estrangeiro, o que



# "Arsène Lupin" no Ginásio

Quando Sherlock Holmes começou fazendo o seu sucesso em Inglaterra e d'este paiz alastrou para o resto da Europa, dando honras e largos proventos ao seu autor, houve um magazine francez, o *Je Sais Tout*, que se lembrou de arranjar a figura singular d'um ladrão capaz de rivalisar em astucia com o policia fenomenal.

Maurice Leblanc, um escritor de talento mas sem a reputação mundial que a sua obra lhe

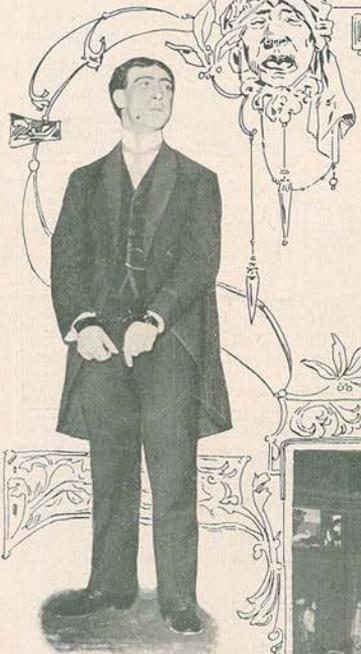


1—Cena do 4.º ato: E' just-jutsu, meu velho (Albuquerque, e Tristão)

3—Cena do 4.º ato: Debaixo do teu pestinho Guerchard (A. Machado e Albuquerque)

O gentleman gatuno fazia as mais estranhas, as mais atrevidas, as mais imprevisitas proezas e saía-se sempre d'elas tão bem como o policia inglez. O que devia constituir um volume forma hoje já uma larga obra e d'ela o teatro se apossou.

E' um dos episodios d'essas aventuras do Arsene Lupin que o teatro do Ginásio explora com o titulo *O Rei dos Gatunos* e que tem obtido um verdadeiro sucesso, sendo o protagonista interpretado pelo novo ator Albuquerque, cuja reputação de artista acaba de se formar, pela correção, pela linha e pela forma notavel porque despenha o fantastico personagem.



2—O ator Albuquerque no *Arsène Lupin* 1.º ato (Clichés de A. Lima)

devia dar em seguida á publicação do primeiro episodio, fez nascer nas paginas do magazine, para o renome universal, o Arsene Lupin. Sherlock tinha o seu digno adversario.

